

**DEPOIS DA PANDEMIA E DO PANDEMÔNIO:  
LINGUÍSTICA APLICADA E ANTIRRACISMO**

*After the Pandemic and the Pandemonium:  
Applied Linguistics and Anti-Racism*

Miriam JORGE  
University of Missouri St. Louis  
jorgem@umsl.edu  
<https://orcid.org/0000-0001-8397-4916>

Mara BARBOSA  
Texas A&M University-Corpus Christi  
mara.barbosa@tamucc.edu  
<https://orcid.org/0000-0002-0452-363X>

*Ahora tienen suerte los que nunca tienen suerte  
Y los que murieron podrán evitar la muerte  
Las cartas me hablan de lo lindo y de lo feo  
Tus manos las leo y te cuento lo que veo  
Están son mis predicciones pa' que no nos tropecemos  
El futuro es nuestro cuando ya lo conocemos  
(Residente / Calle 13)<sup>1</sup>.*

**RACISMO ESTRUTURAL E O BRASIL DE 2020**

O Brasil de 2020 será lembrado pela extrema visibilidade das desigualdades sociais, aprofundadas e complexificadas durante o governo bolsonarista. São desigualdades historicamente perpetuadas por meio das estruturas racistas que se sustentam com base no mito da democracia racial (GOMES, 2005) e da meritocracia (SCHLESENER, 2016), além de outros valores neofascistas. Estamos testemunhando uma pandemia e um pandemônio (D'AVILA; VIDAL MELO; LOPES, 2020). A Linguística Aplicada, por ser um campo do conhecimento altamente transdisciplinar e se ocupar de questões relacionadas às linguagens, seus usos e usuários, pode contribuir para a compreensão do

---

<sup>1</sup> RESIDENTE. El Futuro es Nuestro. Puerto Rico: Sony, 2017. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=0LvolzpC2I4>>. Acesso em: 12 set. 2020.

que a brutalidade do momento presente tem nos mostrado. Pode, além disso, contribuir, no âmbito da educação, com o enfrentamento e a superação das condições de uso da linguagem que contribuem para a construção dos tempos sombrios que estamos vivenciando.

A pandemia do COVID-19 apresentou desafios para a saúde pública, para a educação, e para as interações sociais. Para definir o conjunto de novos hábitos, necessidades e estilos de vida, criou-se uma discussão em torno do chamado *novo normal*. O que sabemos é que o velho normal já não funcionava para a maior parte da população do mundo, e qualquer novo normal precisará ser pensado a partir do desconforto de assumirmos o que já sinalizava ser muito errado. Entendemos que o que tínhamos era, na verdade, a normalização de anormalidades, injustiças, desigualdades e racismo. O velho normal seria, antes de tudo, anormal sob uma perspectiva de direitos humanos e justiça social. Normalizaram-se, por exemplo, as práticas discursivas neoliberais de meritocracia que imputam ao indivíduo a responsabilidade por seu fracasso e incapacidade de, pasmem, se reinventar na pandemia. Para nós, não pode haver um *novo normalizado*, que é uma ideia de futuro que não contesta e confronta o racismo estruturante do Brasil e de outras partes do mundo. Por isso, buscamos problematizar alguns tópicos que nos parecem relevantes para a Linguística Aplicada.

Neste artigo, apresentamos algumas ideias e reflexões que tocam o ensino de línguas, a formação de professores, e a produção de materiais didáticos nas construções de pedagogias de resistência e combate a discursos neofascistas e opressores. Nossas ideias são pensadas fundadas em um futuro para além do pandemônio e da pandemia de COVID-19, que não continue a naturalizar discursos e práticas que podem dar espaços a ideias, ações e regimes opressores. Temos observado o quanto o adjetivo *pandêmico* tem circulado para caracterizar ações relacionadas ao momento que vivemos, como, por exemplo, *pedagogias pandêmicas*, *contextos pandêmicos*, *educação pandêmica*. Não nos sentimos confortáveis em usar esse adjetivo, uma vez que a centralidade de nossas reflexões não é a pandemia, mas as desigualdades e injustiças sociais por ela ressaltadas. Nosso olhar é direcionado para durante ou mesmo depois da sinistra sobreposição de pandemia e pandemônio. Atividades de ensino, pesquisa e extensão na Linguística Aplicada podem intensificar sua busca por situar questões de linguagem em relação aos

contextos de opressão que estão se mostrando, feito ferida aberta, de modo tão contundente. As nossas ideias e reflexões são modestas, mas voltadas a se contrapor a uma educação que negligencia os atos discursivos e políticos que destroem lenta e escancaradamente a democracia, além de solidificarem as estruturas racistas, classistas e machistas de nossa sociedade.

Nas reflexões que aqui apresentamos, defendemos que a Linguística Aplicada precisa ser mais comprometida com seu papel na resistência à precarização das condições de vida de grupos minoritarizados e com o combate aos discursos neofascistas, baseados em ideias anticomunismo, culto da violência, crítica à corrupção e à velha política, politização do machismo, do racismo, e da homofobia (BARREIRA, 2020). Há um papel importante, no presente contexto global, para a defesa das democracias e dos direitos humanos, e profissionais da área de linguagem tem muito a contribuir para transformações necessárias para um futuro mais humano.

Nos inspiraram a elaborar este texto os recentes episódios de racismo que circularam nas mídias brasileiras. Tratam-se, por exemplo, de episódios de confronto entre os herdeiros de renda e privilégios e os historicamente marginalizados, como no caso do empresário que se dirige a um policial militar com palavras de baixo calão: “Você é um bosta. É um merda de um PM que ganha mil reais por mês, eu ganho 300 mil reais por mês. (...) Você pode ser macho na periferia, mas aqui você é um bosta. Aqui é Alphaville, mano! Não pisa na minha calçada, não pisa na minha rua” (OLIVEIRA, 2020). Outro caso de racismo inspirador para esta discussão é o da patroa que cometeu crime de abandono de incapaz, sendo o incapaz uma criança negra, filho da empregada doméstica. Esses episódios nos inspiraram a questionar, por exemplo: O que a linguagem, seu contexto de uso e as relações discursivas e de poder nos revelam e que precisam ser tratadas na educação linguística? Como engajar nossa pesquisa e ensino com perspectivas e ações intencionalmente antirracistas?

Outros absurdos que temos testemunhado com indignação e que requerem a ação dos educadores antirracistas é a violência policial contra a população negra (pretos e pardos), a violência contra povos indígenas, e as muitas vezes indignas condições de vida nas periferias. A luta de classes, o racismo, a xenofobia e a homofobia representam apenas alguns exemplos dos problemas que testemunhamos e que estão sendo normalizados em

práticas e discursos. No caso específico da violência policial contra negros, não apenas no Brasil, destacamos o conceito de necropolítica de Mbembe (2019), que alerta para a possibilidade de a violência policial ser, de fato, uma política de estado, na qual os corpos negros, explorados pelo capitalismo, são atacados constantemente.

Se há, por um lado, toda sorte de violência e opressão a ser denunciada, por outro, existem ações de resistência que defendem as vidas negras e periféricas, indígenas e o campesinato. Inspiramo-nos em uma juventude negra organizada em coletivos, nos movimentos sociais de luta pela terra, do movimento negro, coletivos de blogueiras negras e, mais recentemente, o movimento de *motoboy*s entregadores (MACHADO, 2020). Os movimentos de resistência sofrem ataques discursivos, simbólicos e físicos pautados na rotulação de baderna, balbúrdia, terrorismo e vandalismo. As revoltas, protestos e criações artísticas periféricas constituem espaços de luta, resistência e construções de identidades e realidades que rejeitam formas de opressão que não cabem mais no futuro que concebemos.

## ENSINO DE LÍNGUAS ESTRANGEIRAS NA EDUCAÇÃO ANTIRRACISTA

O ensino de língua estrangeira segue abordagens ou pedagogias mais ou menos estruturadas, geralmente apoiadas em materiais didáticos desenvolvidos tendo em mente a idealização de um aprendiz universal. O conjunto de textos, das atividades e as imagens que constituem esses materiais também carecem de uma intencionalidade da escolha de temas geradores e reveladores de aspectos invisibilizados das experiências linguísticas e culturais dos falantes das línguas. Há que se lembrar que não defendemos, e até mesmo rimos, da compreensão simplória de intencionalidade como doutrinação na educação, já que tratar de temas como desigualdade, racismo e justiça não nos parecem pertencentes a uma agenda conspiratória de dominação comunista.

A intencionalidade, a nosso ver, reside na compreensão dos privilégios e opressões que situam o olhar daqueles que produzem, consomem ou selecionam materiais de ensino. Sabemos que a academia brasileira é majoritariamente branca e pensamos que é possível construir identidades brancas antirracistas. A identidade branca, a branquitude, (BENTO, 2002; CARONE; BENTO, 2002) pode ser crítica, a partir das interrogações de seus privilégios e interesses.

As nossas questões são muitas, mas aqui destacamos algumas para começar uma conversa importante para os linguistas aplicados: vamos atuar nas diversas esferas do nosso trabalho acadêmico para enfrentar práticas neofascistas, racistas, homofóbicas, machistas e classistas? Vamos defender as ações afirmativas para populações marginalizadas e excluídas e buscar justiça racial, cognitiva e social no nosso trabalho como profissionais da Linguística Aplicada? Vamos legitimar experiências de vida e identidades marginalizadas? Vamos assumir a responsabilidade de participar da luta antirracista, deixando de lado a crença de que essa é uma luta apenas dos grupos minorizados? Vamos aceitar o quanto o racismo é uma experiência contínua para aqueles que o sofrem por toda sua existência? Vamos defender os direitos, as identidades e as vozes de nossos colegas e estudantes que denunciam as micro e macro agressões do racismo? Vamos tirar o nosso racismo do armário?

## LETRAMENTOS CRÍTICOS, RACIAIS E SENSÍVEIS

A pesquisa brasileira avançou muito os estudos que relacionam os letramentos críticos ao ensino de línguas estrangeiras, como se vê nas pesquisas do Projeto Nacional Novos Letramentos (MONTE MÓR, 2013). Temos observado, na pandemia e pandemônio, como a desinformação circula de modo eficiente por meio das redes sociais. Preocupa-nos como textos não são interrogados no que diz respeito às relações de poder e às estratégias neofascistas de desorganização social. Como não discutir a indústria de notícias/informações falsas (*fake news*) sem relacioná-la às estratégias históricas dos movimentos neofascistas, que contam com um irracionalismo que cultua a ação pela ação (BARREIRA, 2020)?

Além dos letramentos críticos, consideramos também a importância do letramento sensível, ou as transformações qualitativas providas pelo estético a partir da arte e seus processos (MEIRA, 2011). O que as artes já denunciaram? Que manifestações artísticas já foram censuradas? Por que esculturas de figuras históricas estão sendo derrubadas em 2020? Quem define o valor da arte? Por que o grafite é tão importante nas periferias do mundo? Por que o samba já foi proibido? Que manifestações artísticas servem à denúncia das injustiças?

O letramento racial também nos parece essencial em um ensino de línguas que

desafia o “normal” e educa para a justiça social (VETTER; HUNGERFORD-KRESSOR, 2014), que objetiva desenvolver um conjunto de habilidades e comportamentos que visam a construir sentidos para os sistemas discursivos e performativos vinculados à raça. Assim, o letramento racial considera como a raça marca as experiências individuais e coletivas, o que leva à necessidade da análise das relações fluidas e dinâmicas entre gênero, classe, raça, sexualidade, e outros marcadores da diferença (VETTER; HUNGERFORD-KRESSOR, 2014). O letramento racial é vital para a superação da ideia de meritocracia e da democracia racial no Brasil, principalmente nas escolas, que historicamente têm funcionado como espaços, segundo Grayson (2017), de conformação e aculturação aos valores das classes médias brancas e outras formas de opressão.

Nesse contexto, na área de línguas estrangeiras, educadores, formadores de professores e pesquisadores antirracistas precisam se perguntar: estamos trazendo a experiência de grupos historicamente marginalizados para o ensino de línguas? Estamos ensinando o Juneteenth<sup>2</sup> nas aulas de inglês? Exploramos a resistência negra, ou o movimento por direitos civis para além da leitura de *I Have a Dream*, de Martin Luther King? Revelamos como os brancos agiram contra a menina Ruby Bridges, quando milhares de segregacionistas se manifestaram de forma violenta contra a integração de crianças negras às escolas de seus filhos brancos?

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Neste artigo, contestamos a ideia de um novo normal que não conteste o racismo e seus desdobramentos na desigualdade brasileira. Discutimos como a Linguística Aplicada pode ter uma agenda em que questões de raça, classe e gênero sejam intencionalmente abordadas no âmbito do ensino, da pesquisa e da extensão. Com assumida modéstia, expressamos nossas ideias e reflexões sobre como algumas questões caras ao ensino de línguas estrangeiras podem ser problematizadas para a construção de um futuro mais

---

<sup>2</sup> *Juneteenth* é o feriado que comemora a liberdade e as conquistas do povo Afro-Americano. O nome do feriado resulta da combinação de *June* (Junho) e *nineteenth* (décimo-nono). Foi apenas em dezenove de Junho de 1865 que, dois anos e meio depois da proclamação do fim da escravidão pelo Presidente Lincoln, as os afro-americanos escravizados em Galveston, Texas receberam a notícia de que estavam livres. O caráter simbólico dessa celebração ganha força especial em momentos intensificação das lutas antirracistas, como no Movimento dos Direitos Civis dos anos 60 e Black Lives Matter, em 2020.

humano, menos desigual e sem racismo. O futuro pós-pandemia e pós-pandemônio nos convida a imaginar novos futuros. Assim, imaginamos uma Linguística Aplicada transformadora e intencionalmente antirracista.

## REFERÊNCIAS

BARREIRA, M. M. O neofascismo como esvaziamento da tradição filosófico-política da democracia liberal. *Revista ελευθερία: Revista do Curso de Filosofia UFMS*, v. 4, n. 7, p. 129-141, 2020.

BENTO, M. A. S. Branqueamento e branquitude no Brasil. In: CARONE, I.; BENTO, M. A. S. (Org.) *Psicologia social do racismo: estudos sobre branquitude e branqueamento no Brasil*. Petrópolis, RJ: Vozes, 2002, p. 25-58.

CARONE, I.; BENTO, M. A. S. *Psicologia social do racismo – estudos sobre branquitude e branqueamento no Brasil*. Petrópolis, RJ: Vozes, 2002.

D’AVILA, A.; VIDAL MELO, M. F.; LOPES, R. D. Pandemônio durante a pandemia: Qual o papel dos profissionais da saúde e a ciência? *Arquivos Brasileiros de Cardiologia*, v. 114, n. 5, p. 753-754. 2020.

GOMES, N. L. Alguns termos e conceitos presentes no debate sobre relações raciais no Brasil: Uma breve discussão. In: BRASIL. *Educação Antirracista: Caminhos abertos pela Lei federal nº 10.639/03*. Brasília, MEC, Secretaria de educação continuada e alfabetização e diversidade, 2005, p. 39-62.

GRAYSON, M. L. Race talk in the composition classroom: Narrative song lyrics as texts for racial literacy. *Teaching English in the Two-Year College*, v.45, n.2, p. 143-167, 2017.

MACHADO, L. Greve dos entregadores: O que querem os profissionais que fazem paralização inédita. *BBC News Brasil*. 2020. Disponível em: <<https://www.bbc.com/portuguese/brasil-53124543>>. Acesso em: 12 ago. 2020.

MBEMBE, A. *Necropolitics*. Duke University Press. Durham and London. 2019.

MEIRA, M. R. Metamorfoses Estéticas: o sensível-em-pedagogia na formação docente. *Revista da Fundarte*, v. 21, p. 38-43, 2011.

MONTEMÓR, W. Crítica e letramentos críticos: reflexões preliminares. In: ROCHA, C. H.; MACIEL, R. F. *Língua estrangeira e formação cidadã: por entre discursos e práticas*. Campinas: Pontes, 2013, p. 31-50.

OLIVEIRA, D. “Você pode ser macho na periferia, mas aqui é um bosta. Aqui é Alphaville”, diz empresário que xingou PM. *Notícia Preta*. 2020. Disponível em:

<<https://noticiapreta.com.br/voce-pode-ser-macho-na-periferia-mas-aqui-e-um-bosta-aqui-e-alphaville-diz-empresario-que-xingou-pm/>>. Acesso em: 12 de ago. 2020.

SCHLESENER, A. H. *Grilhões invisíveis: as dimensões da ideologia, as condições de subalternidade e a educação em Gramsci* [online]. Ponta Grossa: Editora UEPG, 2016, 195 p. Disponível em: <<http://books.scielo.org/id/y3zhj/epub/Schlesener-9788577982349.epub>>. Acesso em: 12 de ago. 2020.

VETTER, A.; HUNGERFORD-KRESSOR, H. We gotta change first: Racial literacy in a high school English classroom. *Journal of Language and Literacy Education* [Online], 10(1), 82-99, 2014.